

Regional

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO

Encantado, a terra dos sanfoneiros fantasmas

Casos fantásticos e sobrenaturais marcam a história de região localizada no limite entre Santa Leopoldina e Santa Teresa

Fabricio Ribeiro
SANTA LEOPOLDINA E SANTA TERESA

Bem no limite entre Santa Leopoldina e Santa Teresa, nas terras altas de onde se avista o mar ao longe, existe um lugar marcado por histórias fantásticas e sobrenaturais. É a localidade de Encantado.

De colonização italiana em fins do século XIX, o Encantado ganhou esse nome por conta das inúmeras histórias de assombrações, como a do carro de boi, a dos sanfoneiros fantasmas, da cobra de ouro, dos sacis, lobisomens e das bolas de fogo.

“Nas noites e madrugadas da Quaresma ninguém saía de casa no Encantado. É que o lobisomem aparecia na laje de pedra da mata assombrada para pegar os desavisados”, relatou o lavrador Messias Keffer.

Ele confessa que tinha medo e corria “feito galope” quando atravessava a mata para ir à escola no seu tempo de criança.

A professora aposentada Maria Claudionor destacou que o folclore local é uma grande riqueza e sempre trabalhou as histórias na escola.

“As mais conhecidas são as do carro de boi e do sanfoneiro fantasma. Mas há muitas histórias de sacis, lobisomens, a cobra de ouro e bolas de fogos nas matas sempre a assombrar os desavisados”, diverteu-se.

Além das assombrações, no passado o Encantado também era marcado por constantes temporais, conforme relatou o lavrador Irineu Coli.

“Tudo isso acabou quando construíram a igreja e escolheram para padroeiro Santo Antônio Abade, que é o que protege das assombrações”, explicou.

Para reforçar, a comunidade também construiu um cruzeiro no alto de um monte e periodicamente realiza procissões da igreja até lá. Afinal, oração e fé nunca são demais.

“O lobisomem aparecia na laje de pedra da mata assombrada para pegar os desavisados”

Messias Keffer, lavrador

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO

FOTOS: FABRICIO RIBEIRO



Carro de boi e música

O casal de lavradores Messias e Lidiane Keffer, pais da pequena Isabele, conta que há muitas histórias de assombrações no Encantado. “Tem o caso do carro de boi com correntes puxando toras que fazia muito barulho mas ninguém via. Era assustador”, contou Messias. E também tinha fantasmas. “Há o caso do sanfoneiro que tocava muito tempo seguido sem que ninguém o visse”, acrescentou Lidiane.

Região tem picos de 700 metros

Da região serrana do Encantado, com florestas e picos que chegam a 700 metros, é possível – no conforto típico do clima de montanha até no verão – avistar o mar entre Aracruz, Fundão e Serra.

Lugar turístico de grande beleza, nas cercanias há restaurantes, pousadas e campings. Também

existem muitos sítios de lazer, a maioria de pessoas da Grande Vitória em busca de um refúgio. Também há produção de café, banana, eucalipto e citros.

Os produtores comercializam em feiras livres, com atravessadores e na Ceasa. Para chegar à região, passando pela BR-101, em Fundão,

o motorista segue pela rodovia ES-261 que vai para Santa Teresa.

Na altura do km 90, no trevo da localidade de Santa Lúcia, deve entrar à esquerda por estrada de chão. Depois, na primeira esquerda, já está no Encantado. Ao todo, a distância é de 65 quilômetros até Vitória.

Onde fica

Encantado fica entre Santa Teresa e Santa Leopoldina



Arte: André Felix

Imaginário popular ajuda a manter lendas, diz teólogo

Histórias de assombrações e fantasmas são recorrentes em todo o País. E é na época da Quaresma, que se inicia na Quarta-feira de Cinzas, logo após o Carnaval, que as tradições e lendas ganham ainda mais destaque, principalmente no interior.

Na opinião do teólogo franciscano capuchinho frei Cleber Abel dos Santos, que é o vigário da Paróquia de Santa Teresa, as histórias fantásticas sobre assombrações e seres sobrenaturais são próprias do imaginário e da criatividade do povo.

“Muitas vezes, essas histórias eram contadas para as crianças para que, através do medo, fossem disciplinadas, evitando se distanciar de suas casas, por exemplo”, apontou.

LÚDICO

O teólogo lembrou ainda o caráter lúdico das histórias.

“Para os antigos, uma forma de prostrar era através dos contos de assombrações”, acrescentou Cleber Abel dos Santos.

CASOS CURIOSOS



Bolas de fogo e lobisomem

“Aqui aconteciam coisas estranhas, como casos de bolas de fogos voando de uma montanha para outra. Também tinham histórias de lobisomem.

Nem os aparelhos eletrônicos para a medição de terras funcionavam no Encantado. Construímos a igreja e, então, tudo se desassombrou. Mas o lugar continua encantado”, garantiu o lavrador Irineu Coli.



Cobra de ouro

Com muitas histórias de lobisomens e sacis da região do Encantado na ponta da língua, a professora aposentada Maria Claudionor lembrou o caso de um tio que foi caçar e acertou uma juriti.

Quando foi pegar o pássaro, viu que ele virou uma cobra de ouro enrolada no chão.

Tomando coragem, o homem começou a puxar a cobra. E quanto mais ele puxava, mais a cobra crescia, até que ela fugiu debaixo das madeiras caídas na mata.



Assovio e surra de saci

O lavrador Claudio Pizoni de Souza garante que já ouviu o assovio de um saci. “Mas nunca o vi”, emendou. Contou a história de um homem que fazia pouco caso das assombrações.

“Numa noite escura, ele estava a cavalo quando foi atacado por um saci que lhe deu a maior surra. Nunca mais fez zombarias e nem saiu mais à noite sozinho”, narrou o lavrador, ao lado da imagem de Santo Antônio.

Regional

SAFÁRI NAS MONTANHAS

Aventura e trilhas nos garimpos

FOTOS: FABRÍCIO RIBEIRO

Sítio localizado em Santa Maria de Jetibá abre as portas para passeio na história da caça às pedras preciosas da região

Fabrizio Ribeiro
SANTA MARIA DE JETIBÁ

Que tal se embrenhar pela Mata Atlântica numa espécie de safári num trator para observar animais e plantas? E se aventurar num túnel de antigas lavras de águas-marinhas e viajar na história do garimpo capixaba?

Conforme relatos de antigos moradores, entre as décadas de 30 e 80 foram muitos – capixabas e mineiros – que se aventuraram em busca do sonho de enriquecer com pedras preciosas na região de Alto Santa Maria e Rio Possmoser, em Santa Maria de Jetibá.

E o Sítio Schmidt, que abriga cerca de 20 túneis dos mais de 100 da região, resolveu explorar o negócio. Desta vez, não atrás de pedras, mas de turistas. O casal idealizador do projeto de agroturismo, Angelina e Licínio Schmidt, contou que um dos túneis da propriedade está preparado para visita.

“O túnel tem 80 metros de extensão e chega a 50 metros de profundidade. Tem cerca de 2 metros de altura e 80 centímetros de largura, o suficiente para que um garimpeiro passasse com o seu carrinho de mão”, detalhou Angelina.

Na medida em que se avança no túnel cavado sob o solo da floresta, a temperatura despenca e a umidade se eleva. Bifurcações vão formando galerias que lembram um labirinto.

É possível observar os pontos onde antigos garimpeiros cavavam em busca da água-marinha em formações rochosas cristalinas de muitas cores e texturas.

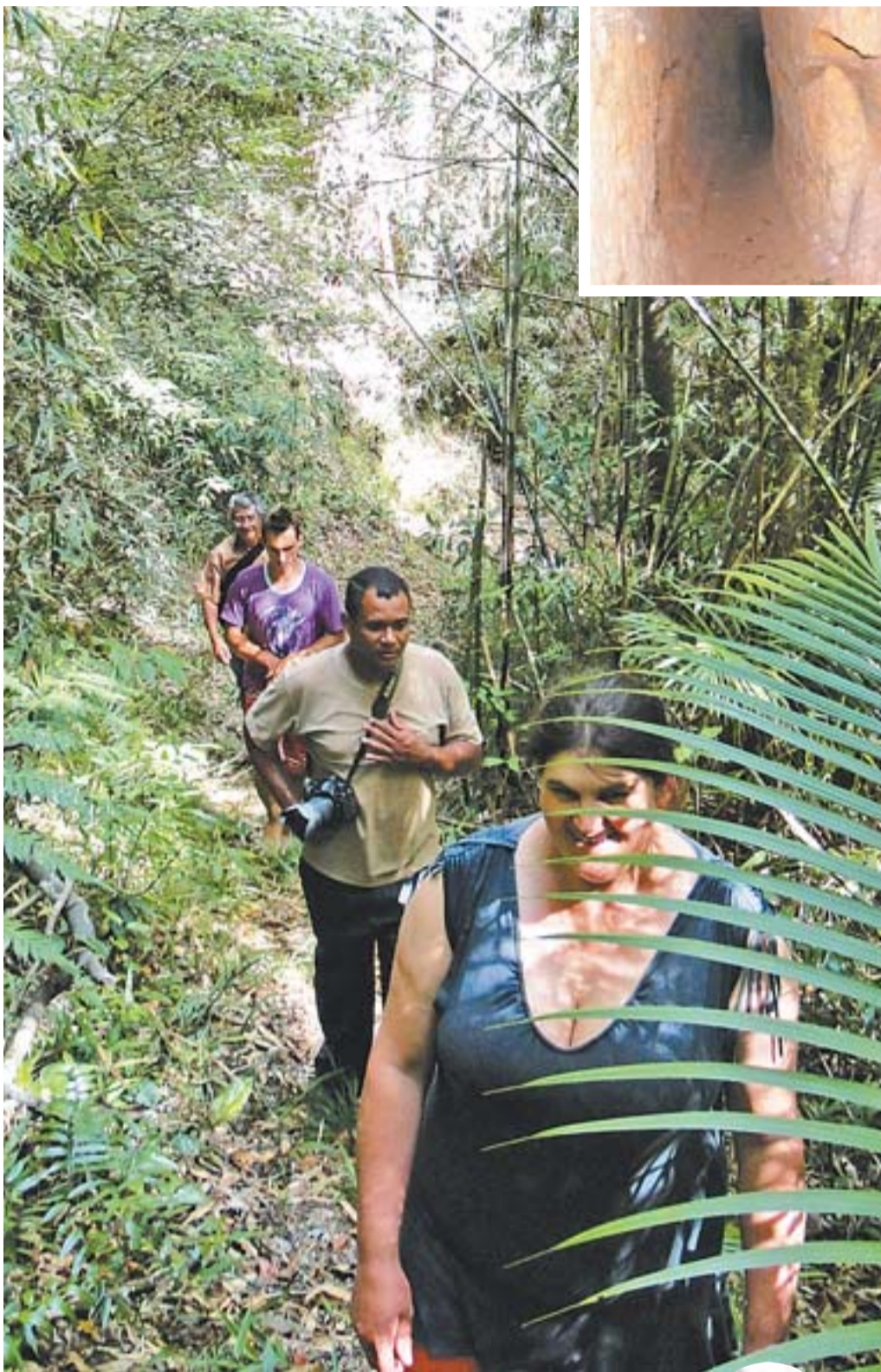
“Entrar no túnel dá uma sensação de superação, de vencer o medo do desconhecido”, disse o visitante Francisco Ferreira, revelando que no início estava sem coragem de entrar.

A aventura no túnel faz parte de um programa inusitado. Uma espécie de safári numa carroça com bancos adaptados e rebocada por um trator.

Durante o passeio, de cerca de 90 minutos e com um percurso de 2,5 km, é possível observar árvores da Mata Atlântica e até animais, como macacos, pequenos mamíferos, pássaros e répteis, além das muitas lavouras.

O Sítio Schmidt, que integra o Circuito Turístico Terras Pomeranas, ainda oferece um café especial, o típico almoço da roça, além de outras delícias como pães, brotes, biscoitos e licores.

Outro atrativo é poder conhecer as famílias pomeranas, saber mais sobre a história, língua e tradições desse povo que deixou a Europa e veio para o Estado no século XIX e que é um dos formadores da cultura capixaba.



Pedras foram alternativa à agricultura de subsistência

A busca das águas-marinhas, um tipo de pedra preciosa de maior ocorrência no Brasil, foi uma opção à agricultura de subsistência em Santa Maria de Jetibá.

A avaliação é do engenheiro Roberval Stühr, que desenvolve estudos sobre a economia do município.

“Bem antes da consolidação do agronegócio as atividades eram de subsistência e o garimpo, uma alternativa econômica. Não houve casos de grandes enriquecimentos, mas muitos conseguiram se estabilizar construindo casas, adquirindo bens e até formando um capital inicial para investir em negócios agrícolas”, apontou Stühr.

Ele comentou ainda que a incidência das pedras se escasseou e, com o maior rigor da legislação ambiental, a atividade praticamente se extinguiu na cidade. Havia o garimpo de túneis escavados e o de várzeas, onde brejos eram revirados.

VISITANTES PASSAM POR TRILHA para chegar a um dos túneis onde garimpeiros procuravam água-marinha. Durante o passeio, de cerca de 90 minutos, muitas árvores e animais pelo caminho

AVENTURA

Pacote sai por R\$ 40

- > O SÍTIO SCHMIDT fica a 16,5 quilômetros, sendo 3,5 quilômetros de estrada de chão, do centro de Santa Maria de Jetibá, pela rodovia que segue para Garrafão. O acesso é pela entrada de Alto Santa Maria.
- > O PACOTE PARA A VISITA ao Sítio Schmidt sai por cerca de R\$ 40 por pessoa e inclui o passeio ao túnel, café especial e almoço. O preço pode variar de acordo com o número de pessoas no grupo.
- > CONTATOS: telefone (27) 99917-7210 e email: sitioschmidt@hotmail e Facebook: sitio.schmidt
- > UMA OBRA interessante sobre o garimpo na região serrana do Estado é “A Pedra da Onça – jazidas, lavras e garimpos no Espírito Santo”, de Idomar Taufner, que relata experiências da atividade no Estado.

HISTÓRIAS CURIOSAS



Mulheres disputam homens

O casal Edithe e Nicolau Arnholz contou que logo após o casamento deles, em 1963, ele deixou a agricultura e foi para o garimpo. “Valeu a pena”, disse Edithe.

“Eram garimpos de respeito e sem bagunça. Muito namoro começou lá com as mocinhas interessadas nos rapazes que conseguiam pedras”, lembrou Nicolau, que chegou a trabalhar até 16 horas por dia.



Arma escondida na lata de banha

O ex-garimpeiro Evaristo Berger entrou para o garimpo nos anos de 1980 e revelou que naquela época havia invasões. Ele afirma que não chegou a ter sorte e que só encontrou farinha de água-marinha, sem valor comercial.

“Naquela época, o pessoal escondia armas em latas de banha, mas chegava a polícia e botava todo mundo para correr. Muita gente conseguiu comprar terrenos e construir casas”, contou.



Rico com água-marinha

A dona de casa Clara Ottschmidt não se cansa de contar a história de um fazendeiro que viveu na época do garimpo na região e que acabou perdendo tudo.

“Um mineiro de Governador Valadares ficou rico em 1972 com as águas-marinhas, mas jogou tudo fora com boa vida e morreu pobre. Meu marido conseguiu dinheiro para fazer nossa casa e comprar carro”, contou.